

Plantar e colher histórias: ressonâncias lúdico-reflexivas de *A Semente que veio da África*, de Heloisa Pires Lima

MARIA ZILDA DA CUNHA
Universidade de São Paulo

Você já colheu uma história? É desse modo que o leitor mirim é desafiado a se aventurar, em leituras não lineares por meio de diversos códigos, em uma viagem entre a informação, a ficção e o jogo. Um projeto gráfico bastante cuidadoso reúne olhares e vozes que desvelam uma pequena parte do impressionante universo das culturas africanas, inscritas em nosso patrimônio cultural, sobre o qual ainda temos muito por saber. Com o título atrativo de *A semente que veio da África*, o livro de Heloisa Pires Lima, Georges Gneka e Mário Lemos, com ilustrações de Véronique Tadjo, enlaça a memória reavivada em diversas efabulações. Vivências e sentimentos diferenciados unem-se pelo lastro espiritual comum de partilhar sonho e compartilhar saber. Os autores estabelecem um diálogo muito explícito com o leitor, e com isso mobilizam seu conhecimento prévio, o que vem corroborar uma idéia muito forte, na proposta da obra: “A sabedoria é como o tronco de um embondeiro, uma pessoa sozinha não consegue abraçá-la”.

A tessitura de saberes já se coloca de início, com o sopro vital; o fio da narrativa movimenta-se com o vento que sopra sementes da “árvore da palavra”. É habilmente tecida por várias pistas uma teia de fios, idéias e formas que se misturam e recobrem o jogo das ressonâncias e analogias. É a palavra que inscreve o homem em sua humanidade o torna fadado a “extrojetar”, por meio do sopro, a escritura primeva que nele habita. Palavra é a luta humana contra o perecível. As sementes germinam e crescem em lugares diferentes, recebem nomes diferentes, e vão frutificar diferentes histórias, algumas das quais se entretecem nesse livro, na coexistência de instâncias múltiplas do processo criador. É Heloisa Pires quem faz a apresentação dessa teia de lin-

guagem e idéias que se tece com as “sementes de gigantes”, logo anunciando, em primeira pessoa, que “o que dizem sobre elas não sou eu quem vai contar”, procedimento que pontua a novidade no processo de enunciação que engendra a complexidade dos contornos entre ficção e relato, narrador e autor, e de vozes e olhares em encaixe nos vários textos que compõem a obra.

Após a introdução, com “A semente de baobá”, é a vez de Georges Gneka, da Costa do Marfim, enredar três propostas. Na primeira, “A árvore de cabeça para baixo”, recorre à instância do narrador primordial para apresentar uma narrativa mítica sobre a gênese da criação. Na segunda, “O baobá e eu”, a narração em primeira pessoa configura-se em um tom de relato e testemunho do vivenciar, por entre as imensas árvores, histórias que surgem de todas as coisas, quando da imaginação não se esgota o nascedouro. No rememorar de sua infância, concretiza, por fim, a oportunidade de ensinar um jogo para o qual se faz uso dos caroços encontrados nos frutos do baobá, um jogo que, na Costa do Marfim, recebe o nome de *avalé*. Para não romper a cadeia da narração, o texto instrucional, que dá orientações e as regras do jogar, acompanha o livro em forma de encarte.

A seguir, o texto de Mário Lemos apresenta “A semente do embondeiro”, que se torna uma árvore imponente e gigantesca, cujo tronco só cabe no abraço entrelaçado de muitas e muitas pessoas. O autor, para isso, traz *ua karingana* (ou duas) – palavra que significa “fábula” no sul de Moçambique. No tecer do fabular e sabedoria dos experientes narradores, cuja fonte de conhecimentos é a cuidadosa observação, sabe-se o significado dos muitos nomes. Na penúltima parte do livro, Heloisa Pires Lima retorna, como pesquisadora, autora/narradora, para compartilhar alguns saberes extraídos de searas diversas. Apontamentos da ciência, registros populares, derivações de uma simbologia milenar que até hoje perdura nas crenças dos povos vão sendo perfilados em um percurso interdisciplinar, sem hegemonia de discursos e sem luta de signos. Mas “como sementes de sabedoria que podem germinar em outros livros”, nas palavras da própria autora.

Merece destaque o papel que desempenha a imagem em *A semente que veio da África*. Em um primeiro contato visual, tem-se a repetição de padrões, a apresentação desses padrões em diferentes proporções. Com um olhar mais cuidadoso, veremos a angulosidade que orienta a visão de outros elementos formais da página, construídos pela predominância da cor, por repetições que se dão

no formante das linhas e cores em relação à topologia da página. Temos estruturas mais orgânicas e outras mais geométricas, assim como os elementos cromáticos: azul, vermelho, verde e terroso constroem-se como formas orgânicas distintas. É possível dizer que a figuratividade existe, mas ela brota sem a preocupação com a referencialidade exterior ou subserviência ao texto verbal. Esse arranjo leva-nos a, por um lado, pensar em uma produção que dita a ausência de faces identificáveis regida por aspectos religiosos ou políticos com intenção de representar algo mais próximo dos arquétipos – uma face dos espíritos esculpida nas máscaras, por exemplo. Por outro lado, leva-nos a observar como, livres das leis de proporção e da perspectiva, concorrem recursos muito efetivos, como o desenho tipo raios X que nos permite ver dentro e fora ao mesmo tempo; as representações simultâneas de espaço e tempo; ou o rebatimento da perspectiva que nos possibilita, entre outras coisas, ver dois lados ou alguns ângulos de um mesmo objeto.

Tais procedimentos nos levam à infância da linguagem visual, mas também a uma consciência estética que emerge do arranjo dos próprios elementos da linguagem plástica e dos seus elementos constituintes, incluindo-se nestes a marca do gesto produtor, presente em quase todas as ilustrações.

Véronique Tadjo vale-se de recursos expressivos que nos situam na convivência tácita com a História, com identidades culturais e com a arte. Com a poesia das formas, com a densidade da ocupação do espaço, entra em concorrência franca com o verbal; na dinâmica dos traços e formas plásticas de construção do tempo e aprisionamento do instante, na utilização das massas cromáticas, dá maior ou menor dramaticidade ao texto imagético. “I like to work in mixed media – felt pens, oil crayons and watercolour paints.” E com isso obtém traços firmes, contornos bem delineados, figuras estilizadas, a redução dos caracteres a seus aspectos essenciais... a **marca do gesto**. Perspectiva afetiva. As máscaras como guardiãs. “I drew my inspiration from traditional African graphic art from over the continent”.¹ Elementos fragmentados, de cuja rearticulação pode-se dimensionar a escritura de modos de ser e estar no mundo.

¹ Depoimentos da autora, outubro de 2004.

Mas as relações não se esgotam aqui. É interessante ressaltar a composição do livro, estruturado com diversas categorias e gêneros de textos. Esses textos, apesar de intercomunicantes, são independentes, o que permite ao leitor a liberdade de permutar a ordem da leitura, escolher uma nova entrada, examinar somente as ilustrações, decidir apenas pelo jogo, observar curiosamente a mostra de fotografias – com legendas – que compõem a obra, ler o vocabulário para conhecer algumas palavras e expressões das línguas de raízes africanas, encantar-se com as onomatopéias que, na introdução, transmutam o vento em um quase objeto físico e sonoro e brincar com o seu som e inferir as peripécias das duas sementinhas. O que nos parece importante, nesta perspectiva, é o fato de a obra permitir várias investidas por parte do leitor. Isso o torna capaz de fazer opções no percurso de apreensão dos sentidos, mobilizando estratégias cognitivas de leitura. A garimpagem para a obtenção de recreação, fruição ou informação pode ser realizada em momentos diferentes, sem que se esgote a magia e o entusiasmo do encontro em uma única obra. Na medida em que evolui a investigação, quando a memória e a atenção colocam o intelecto em combate, pode o receptor plasmar contornos singulares de Brasil e África, raízes identitárias da cultura brasileira e da cultura africana, alguns aspectos de linguagem, do ser humano e da história.

Cabe salientar que estamos diante de um livro de literatura infanto-juvenil e não estamos a dizer que as crianças virão a tematizar essas questões ou discuti-las. Mas sementes estão lançadas e podem germinar. São assuntos sérios, tratados com ternura e com humor. É esse humor, somado a uma escrita solta das regras gramaticais do registro culto do português, e ao trânsito de códigos e linguagens que se cruzam na tessitura de textos inter-semióticos que permitem ler essa obra como objeto fruto de enclaves da imaginação, uma espécie de arte que é resgate, mas também uma forma de recriar o mundo e desvelar o real.

Enfim, não são novidade para ninguém, talvez nem para os mais desatentos, as tensões que a literatura africana estabelece com a História. Nos últimos tempos, tem-se investido na captação das diferentes formas de ler e escrever as contingências de cada época, as contradições que permeiam o cotidiano desses povos da África, buscando perceber, na literatura, a cifra desse real. Com relação à literatura infantil, o pouco que se divulgou no Brasil refere-se aos negros escravos, construindo um imaginário pueril e equi-

vocado sobre esses povos, estabelecendo ora uma relação assimétrica e preconceituosa, ora idílica, ora de pura caridade. O desafio que se coloca hoje é exorcizar essas imagens, perceber a teia humana que nos engendra, abrir os olhos para matrizes culturais que interferem em nosso modo de ser e são constituintes de traços da sociedade que nos define. No traçado do trabalho de Heloisa Pires de Lima com a literatura para a juventude temos o desvelar de alguns caminhos para esse enfrentamento. Pela coerência e determinação da antropóloga e escritora – autora também de *Histórias da Preta* (Cia. das Letrinhas) –, era de esperar a concreção de um trabalho conjunto como esse realizado em *A semente que veio da África* (publicado em 2005 pela Editora Salamandra); ao unir-se a autores africanos, consegue excelente articulação entre o plano da expressão e do conteúdo. Heloisa, sem abdicar do jogo utópico e do ludismo próprios da literatura infantil, engendra questões de literatura e sociedade.

Referências bibliográficas

- LIMA, Heloisa Pires. *Histórias da preta*. 2.ed. São Paulo: Cia. das Letrinhas, 2006.
 _____. *A semente que veio da África*. Rio de Janeiro: Editora Salamandra, 2005